

Jornalismo de Subjetividade: a aproximação e o distanciamento com o Outro¹

Ana Paula Dessupoio CHAVES²

Gracielle Loures NOCELLI³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo analisa a relação entre jornalista e fonte na prática do jornalismo de subjetividade, conceito apresentado por Moraes (2015). Nos estudos da área, as técnicas difundidas para a abordagem e o contato do repórter com o seu personagem traduzem a perspectiva da objetividade jornalística. Por isso, a necessidade de refletir sobre essa condução quando a proposta é trabalhar o viés subjetivo. Por meio da metodologia da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011), buscamos identificar os recursos que permeiam a relação entre Fabiana Moraes e Joicy da Silva durante a produção da reportagem *O nascimento de Joicy*, narrada no livro homônimo. Propomos, assim, uma reflexão sobre as dimensões da técnica e do afeto que estão imbricadas no processo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de subjetividade; narrativas; jornal; fontes humanas; práticas e processos jornalísticos.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a objetividade foi premissa para a realização do jornalismo profissional e de qualidade. A contestação dos critérios que impõem a impessoalidade e a imparcialidade como sinônimos de credibilidade teve início na segunda metade do século XX. Paralelamente, diferentes acontecimentos ao redor do mundo contribuíram para a maior valorização da memória e dos testemunhos, que passaram a ser incorporados à indústria cultural e às pesquisas das ciências humanas, fenômeno denominado por Sarlo (2007) como guinada subjetiva.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: anadessupoio@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: graci.nocelli@gmail.com.

No jornalismo, o uso da subjetividade não é algo novo, mas o seu reconhecimento e a sua valorização também ocorrem nesse período. Como um processo recente, trata-se de um campo em que as pesquisas podem ser aprofundadas. Este artigo pretende contribuir com as reflexões na área.

A partir do conceito de jornalismo de subjetividade, apresentado por Moraes (2015), propomos uma análise sobre a relação entre jornalista e fonte. A autora define a prática como capaz de criar narrativas pertinentes e sensíveis, utilizando elementos subjetivos sem constrangimento e sem abandonar a profundidade da apuração, a checagem das informações, a busca por fontes variadas e a escrita acessível.

Segundo Moraes (2015), o jornalismo de subjetividade tem como propósito reconhecer a existência do Outro, sem o intuito de querer domá-lo ou enquadrá-lo em um modelo pré-estabelecido, mas com a proposta de compreendê-lo para promover uma representação mais integral e, assim, combater preconceitos e desnaturalizar violências.

O questionamento que permeia este estudo é: como lidar com a aproximação e o distanciamento da fonte no jornalismo de subjetividade? Será que as técnicas jornalísticas dão conta desta problemática? Para pensar a respeito, utilizaremos o livro *O nascimento de Joicy*, escrito por Fabiana Moraes, que narra a relação criada pela jornalista com a personagem protagonista.

O objetivo desta pesquisa é discutir a relação jornalista-personagem para além da ideia de fonte, pensando a aproximação como uma oportunidade dotada de elementos importantes para compreender o indivíduo, que é formado por complexidades. Defendemos que, na prática jornalística, essa relação não precisa ser formada pelo distanciamento e pela frieza. Aqui, iremos evidenciar duas dimensões que estão imbricadas no processo: a do afeto com o outro e a técnica. Consideramos o afeto como a ação de um corpo sobre outro, sendo corpo tudo aquilo que é capaz de entrar em relação (CONTER; TELLES; SILVA, 2017). A técnica envolve a apuração jornalística, o ouvido aguçado, a coleta de informação e a observação da vida desse Outro.

Para desenvolver este trabalho, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (2011), a metodologia permite, através de um conjunto de procedimentos, encontrar sentidos ocultos à superfície discursiva, além de não estabelecer limites quanto ao referencial teórico a ser usado na construção do objeto e na interpretação final dos elementos textuais escolhidos. Nesse sentido, foram criadas categorias para

identificar os recursos subjetivos que permeiam a relação entre Fabiana e Joicy e que, ao mesmo tempo, contribuem para a construção de um jornalismo comprometido com narrativas polifônicas e a representação de suas complexidades.

PERSPECTIVAS NO JORNALISMO: OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE

No jornalismo, objetividade e subjetividade referem-se à perspectiva usada pelo jornalista no trabalho de transformação de uma pauta em produto jornalístico. O viés adotado é responsável por nortear a apuração, a linguagem, o formato e, também, a postura do profissional na condução dos processos.

A objetividade é característica do que é imparcial, impessoal e independente de opiniões individuais. Já a subjetividade é inerente ao que é influenciado por experiências pessoais, emoções e convicções. Historicamente, há momentos em que ocorre uma maior ou menor valorização de uma das perspectivas no jornalismo. No entanto, a prática profissional revela que a linha que as separa não é tão bem demarcada.

Para ilustrar nossas considerações, propomos um recorte temporal a partir do século XVIII, quando os jornais já apresentavam características como periodicidade, atualidade e publicidade (PENA, 2017). Naquele momento, o jornalismo caminhava lado a lado com a literatura e era realizado por intelectuais. Com uma perspectiva subjetiva, apresentavam conteúdos de opinião, inclusive, partidária.

A perspectiva da objetividade surge no século XIX, como critério para a mudança editorial que promove a separação entre informação e opinião, oferecendo ao público uma alternativa ao jornalismo político-literário produzido até então. O marco para esta transformação foi a criação da *penny press*⁴, nos Estados Unidos, em 1830.

Considerado como uma modernização da imprensa, o modelo de jornalismo estadunidense foi responsável por criar regras para a redação das notícias que eliminavam as características subjetivas, como a emoção, a opinião e a participação do jornalista. De acordo com Ribeiro (2003), os textos passaram a ser escritos de forma direta, com o verbo no indicativo e na terceira pessoa, sem o uso de metáforas, pontos de exclamação e reticências, numa tentativa de demonstrar impessoalidade.

⁴ Expressão referente aos jornais vendidos pelo valor de um centavo. Os preços baixos tinham o intuito de conquistar a classe média, recém-alfabetizada, como público leitor.

Os fatos passaram a ser relatados com maior precisão e, para isso, foram introduzidas as técnicas do *lead* e da pirâmide invertida, que determinam a apresentação das informações mais importantes nas primeiras linhas do texto. As regras não se restringiram à escrita, a postura do jornalista também deveria ser imparcial e neutra. É importante destacar que, no século XIX, foi criada a Teoria do Espelho⁵.

Barsotti (2021) explica que os novos critérios propiciaram a transformação dos jornais em empresas de comunicação. Dessa forma, a objetividade tornou-se sinônimo do jornalismo profissional e, posteriormente, foi adotada pelo rádio e pela televisão.

No entanto, é possível observar que mesmo no jornalismo objetivo há etapas subjetivas: a definição do que será ou não pauta, a angulação da apuração, a seleção de imagens e entrevistados são exemplos. Também é preciso humanizar o jornalista como alguém que possui as próprias subjetividades. Por isso, entre tomar conhecimento sobre o fato e reportá-lo, há um processo subjetivo de apreensão e interiorização das informações, o que o distancia da ideia de um espelho que apenas reflete a realidade.

A contestação da objetividade jornalística acontece no século XX, com as práticas do *New Journalism* e do Jornalismo Investigativo. O primeiro é reconhecido como um movimento iniciado nos Estados Unidos, durante a década de 1960, que valoriza a escrita subjetiva e a experiência do jornalista em campo como forma de narrar os fatos com maior profundidade (PENA, 2016). O segundo questiona a objetividade, sobretudo, no comportamento do jornalista. Nesta vertente, o profissional deixa a postura imparcial e neutra de lado para atuar diretamente nos acontecimentos, muitas vezes, antecipando informações para realizar as denúncias (LOPES; PROENÇA, 2003).

No Brasil, o jornalismo também viveu momentos de maior ou menor valorização da subjetividade, porém em tempos diferentes, quando comparado às experiências no exterior. Por aqui, a imprensa teve início em 1808 e, por muito tempo, exerceu a função de representante do discurso oficial do poder público. A produção nacional manteve um viés subjetivo por meio de um jornalismo partidário e literário. Grandes nomes da literatura nacional trabalharam nos jornais da época, como Machado de Assis e Euclides da Cunha (PENA, 2017). A incorporação da objetividade, conforme o modelo

⁵ Teoria científica da comunicação que visa qualificar o jornalismo como puramente objetivo, sendo, portanto, um espelho da realidade.

estadunidense, aconteceu apenas em 1950 (RIBEIRO, 2003). Posteriormente, o país também experimentou iniciativas do *New Journalism* e do Jornalismo Investigativo.

Ainda no século XX, há uma maior valorização da memória e do testemunho ao redor do mundo. O período é marcado por duas grandes guerras, holocausto, ditaduras na América Latina e outros acontecimentos traumáticos que passam a ser lembrados com o intuito de não serem esquecidos para não serem revividos. “A necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p.12).

Quando Sarlo (2007) estuda o fenômeno da incorporação da memória e do testemunho nas produções da indústria cultural e nas pesquisas acadêmicas, ela apresenta o conceito de *guinada subjetiva*:

Tomando-se em conjunto essas inovações, a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes. São passos de um programa que torna explícito, porque há condições ideológicas que o sustentam. Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de ‘*guinada linguística*’ ou muitas vezes acompanhando-a como sua sombra, impôs a *guinada subjetiva* (SARLO, 2007, p.18).

Inserido neste contexto, o jornalismo também passa a valorizar a subjetividade no âmbito da experiência do indivíduo, através da memória e do testemunho.

O JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE

Reconhecendo a coexistência da objetividade e da subjetividade no jornalismo, Moraes (2015) apresenta um novo conceito que propõe valorizar os elementos subjetivos da produção sem extrair dela os critérios objetivos, como a pertinência da informação, a checagem de dados e fatos, além da clareza na linguagem.

O conceito é denominado *jornalismo de subjetividade*, que não só utiliza elementos subjetivos, mas os reconhece enquanto ganho para a prática jornalística. Segundo Moraes (2015), não se trata de uma negação da objetividade, mas do entendimento que não é possível domar o mundo exterior – o *Outro* – em sua totalidade, mas que devemos incorporá-lo, dentro das limitações, às práticas jornalísticas.

Assim, são englobadas as fissuras e as subjetividades inerentes à vida. O resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. Nesse sentido, a subjetividade passa a ser reconhecida como uma ferramenta importante na busca por representações mais integrais de pessoas e grupos.

De acordo com Moraes (2015), reconhecer a impossibilidade de guiar comportamentos, falas, sentimentos e situações não prejudica a narrativa jornalística, ao contrário, pode enriquecê-la. Para ela, o jornalismo de subjetividade integra a tendência observada por Sarlo (2007) de valorização do testemunho e da memória, a partir da confiança na presença, na experiência, na voz e no corpo de quem afirma “eu estive lá”. No entanto, alerta que a prática não deve ser analisada apenas no âmbito individual:

[...] o entendimento do "subjetivo" jamais deve ser balizado a partir unicamente de um "eu", aquilo o que a repórter sente e expressa, a forma como a profissional é afetada e posteriormente entrega, via produto jornalístico, essa afetação. Quero dizer que subjetividade não pode ser percebida como algo apenas do âmbito individual, como infelizmente tenho visto em alguns trabalhos que, inclusive, se referem à perspectiva de um jornalismo de subjetividade. Este deve ser compreendido nos planos individual e coletivo (MORAES, 2022, p.12).

Assim, afirma que o propósito do jornalismo de subjetividade é informar e contribuir para o combate de preconceitos (MORAES, 2015), realizando encontros com as alteridades e desnaturalizando as violências das outrofobias⁶ (MORAES, 2022). Para a autora, o conceito não é uma rejeição à objetividade, mas uma contestação à concepção reducionista ensinada nos manuais, que retira a autonomia do repórter e o condiciona a apenas relatar fatos, de acordo com um enquadramento pré-determinado.

O RELACIONAMENTO DO JORNALISTA COM A FONTE

No processo de obtenção de informações, as fontes⁷ desempenham um papel fundamental e podem se apresentar de duas formas: materiais ou humanas. Nosso foco será no relacionamento com as fontes humanas que são representadas por testemunhos, depoimentos e relatos diretos das personagens envolvidas nos acontecimentos.

⁶ Termo usado por Fabiana Moraes para se referir ao racismo, machismo, homofobia, gordofobia, etarismo e outros preconceitos enraizados na sociedade.

⁷ No jornalismo, as fontes são portadores de informação. Podem ser pessoas, falando por si ou coletivamente, ou documentos escritos ou audiovisuais, por meio dos quais os jornalistas tomam conhecimento de informações.

As fontes humanas são responsáveis por trazerem uma perspectiva subjetiva, *insights* emocionais e relatos de experiências, contribuindo para uma compreensão mais profunda do evento abordado. Reconhecendo que a memória pode apresentar imprecisões e enquadramentos, Pollak (1989) afirma que isto não reduz a sua importância. Afinal, lembrar não é realizar uma reconstituição histórica do passado. A relevância dos relatos de memória está no compartilhamento do que foi vivido, na humanização dos fatos e na colaboração para a construção da memória social.

A problemática das interações entre jornalistas e fontes de informação começou a ser mais explorada na literatura a partir da década de 1970 (TRAQUINA, 2001). No estudo da relação entre profissional e fonte de informação, há divergências entre os pesquisadores quanto ao grau de importância desta, e quanto à capacidade das fontes pautarem os veículos de comunicação conforme seus interesses.

Lage (2008) diz que é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar as fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo as técnicas jornalísticas. A definição de Gans (1980) complementa Lage (2008) ao definir fontes de notícias como as pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e quem fornece informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais setores da sociedade. Na perspectiva de Schmitz:

Fontes de notícias são pessoas interlocutoras de organizações e de si próprias ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p. 09).

Tais conceitos dialogam e se complementam. No entanto, podemos pensar além dessas técnicas que nem sempre são da conta da diversidade e da polifonia que ajudam a contar uma história no jornalismo. Afinal, as “interações do jornalista com a fonte envolvem conflitos e acordos inevitáveis, porque a interlocução é viva, interessada” (CHAPARRO, 2001, p. 43).

Moraes (2015) ressalta que não se trata de classificar as teorias como incorretas, mas de mostrar como elas ainda não exploram de forma integral uma relação na qual os atores em questão nunca são estanques nem passivos. “Eles podem facilmente sair de suas

peles para transmutar-se naquilo que o outro não conhecia — e é justamente aí que reside boa parte do assombro, da dor, do suor e da alegria” (MORAES, 2015, p. 12).

Nessa relação jornalista e fonte, mais do que na técnica, pensamos nela atrelada à semiose do afetar e de ser afetado. Ou seja, sempre que um corpo é implicado em outro (afetado), o primeiro deixa no segundo vestígios. Os afetos são, sobretudo, variações de intensidade, que, ora diminuem, ora aumentam a potência de um corpo (CONTER; TELLES; SILVA, 2017). Vamos refletir ao longo do artigo como esses impactos sentimentais e corporais transparecem na escrita de uma reportagem.

No livro *O nascimento de Joyce*, Fabiana Moraes expôs não só sua aproximação com a fonte, mas sentimentos, impressões pessoais durante a produção, a sua simpatia e antipatia por alguns personagens e até seus momentos de irritação com a protagonista, subjetividades que emergem e que revelam a complexidade do Outro.

FABIANA EM O NASCIMENTO DE JOYCE

Fabiana Moraes é jornalista, socióloga e pesquisadora. Nascida e criada em Alto José Bonifácio, bairro da periferia de Recife, formou-se em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde é professora. Mulher, negra, nordestina e de uma classe social com menor poder aquisitivo, desde cedo, conviveu com as desigualdades da sociedade, o que levou à reflexão crítica sobre a realidade apresentada pelos meios de comunicação. Sua produção jornalística é reconhecida por abrir espaço às narrativas invisibilizadas, promovendo uma imersão à história do Outro.

Em *O nascimento de Joicy*, Fabiana conta a história da protagonista que dá nome à obra, uma cabeleireira e ex-agricultora que vive em Alagoinhas, interior de Pernambuco. Joicy Melo da Silva é uma mulher transexual, de 51 anos, que tem a pobreza e o distanciamento familiar como marcadores cotidianos. Em 2010, ela procurou o serviço público de saúde para realizar a cirurgia de redesignação sexual.

O comportamento da paciente, apontado pela jornalista como corajoso e autêntico, foi o que motivou a escolha como personagem para a reportagem especial que seria produzida para o *Jornal do Commercio*. Para a realização do trabalho, Joicy e Fabiana conviveram por seis meses. Publicada em 2011, a matéria foi vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo e originou o livro, lançado em 2015.

Joicy é a principal fonte da reportagem, uma personagem composta de complexidades, forças, fraquezas, autoestima e incertezas. Fabiana narra os detalhes da relação entre elas. Observamos, assim, que além da importância da sensibilidade, o trabalho do jornalista envolve investigação, escuta atenta e coleta de informações, inclusive através da observação de vivências da personagem. Então, há duas condições que estão imbricadas: a técnica e a humana, como veremos a seguir.

ANÁLISE DO CONVÍVIO COM UM CORPO SOFRIDO E REVOLUCIONÁRIO

Como objeto de análise, olharemos para o último capítulo do livro, intitulado *O convívio com um corpo sofrido – e revolucionário*. Nele, Fabiana Moraes discute a relação jornalista-personagem para além da ideia de fonte, pensando essa aproximação como dotada de elementos importantes para compreender aspectos da profissão na qual, durante muito tempo, o “ser objetivo” foi regra por excelência.

Para desenvolver este trabalho, empregamos a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). A pesquisa foi realizada em três etapas. Na primeira, foi feita uma pré-análise para a seleção do material a ser estudado. No segundo momento, as informações foram categorizadas em unidades de análise e, posteriormente, foram feitas as inferências para a apresentação dos resultados.

Na interpretação das categorias pensamos, também, na intencionalidade que foi produzido o relato analisado e com a qual ele será utilizado novamente nesse tempo presente. As categorias que identificamos a partir do relato de Fabiana Moraes no livro *O nascimento de Joicy* foram: atenção, singularidades, confiança, cuidado, empatia e instabilidades.

A história de Joicy e Fabiana começa em outubro de 2010, no setor de ginecologia do Hospital das Clínicas, em Recife. Joicy estava em uma fila de mulheres transexuais, nascidas como homens, mas autoidentificadas com o gênero feminino, que ansiavam por uma cirurgia de redesignação sexual. Moraes conta que “Depois de me ouvir perguntar o nome de cada garota e não me dirigir a ela, Joicy levantou a mão. ‘Ei, moça. Eu sou a próxima daqui a fazer a cirurgia’” (MORAES, 2015, p. 94).

A não ser pelas unhas pintadas de vermelho, pelos seios já protuberantes e por ser cabeleireira, Joicy não tinha a aparência feminina, como conta Moraes (2015). A ex-agricultora não usava maquiagem, nem vestido, estava ficando careca, sentava com as

pernas abertas, era musculosa e, por vezes, rude. Os signos considerados femininos não estavam presentes naquele corpo. A jornalista percebeu, então, como Joicy se destacava das demais, aquele corpo na mídia causaria um dissenso, o reolhar. Assim, seria uma tentativa da fissura e não da propagação de modelos.

Nesse primeiro encontro, Moraes revela que quando Joicy a viu pela primeira vez encantou-se com sua **atenção**: “(...) era como se aquilo que ela sabia torná-la especial tivesse finalmente sido percebido por alguém — e não de uma maneira jocosa, como a mulher em pele de homem estava acostumada” (MORAES, 2015, p. 82). E dar atenção é muito mais do que ouvir, como defende Eliane Brum “antes de alcançar uma outra pessoa, busco me esvaziar de mim - minha visão de mundo, minhas crenças, meus preconceitos” (BRUM, 2021, p. 60). O saber escutar e perceber as sutilezas traz para o depoimento uma sensação de “história viva”. É como se o leitor também pudesse se sentir próximo de Joicy.

As **singularidades** da personagem aparecem em vários trechos, como ao contar que as unhas dos pés estavam pintadas de rosa-pitanga e contrastava dramaticamente com um ferimento no dedão direito, um corte aberto disputado por várias moscas. “Aquela imagem não sairia da minha cabeça: era uma espécie de síntese da vida dura, com algumas pinceladas de sonho e cor, da cabeleireira” (MORAES, 2015, p. 86).

Nos detalhes mais simples, nas marcas que contam histórias silenciosas e nos vestígios deixados pela jornada da vida reside a essência que torna cada indivíduo verdadeiramente único. Assim, Moraes captura tais aspectos de Joicy. Os leitores conseguem ter contato com as particularidades que caracterizam a personagem e com suas complexidades. É quase como um diário em que a jornalista expõe as alegrias e as tristezas de conviver com o Outro. A pretensa banalidade dos fatos traz dados importantes: “a relação contínua com o celular, este um companheiro contínuo da cabeleireira; as conversas no mercado público, com frequentadores fazendo piadas ou olhando de maneira risível quando Joicy passava” (MORAES, 2019, p. 215).

A decisão de Moraes em narrar a trajetória de Joicy despertou questionamentos por parte do médico Sabino Pinho, que perguntou: "Por que você escolheu logo Joicy? Há outras transsexuais aí com a aparência mais feminina, seria bem melhor." (MORAES, 2015, p. 83). Registrada no livro, a conversa levou a autora a uma reflexão ainda mais

profunda sobre a complexidade da compreensão do feminino em Joicy, que transcende as noções superficiais de adereços ou um estereótipo idealizado de mulher.

Em vez de me desencorajar, o cirurgião terminou me instigando ainda mais: afinal, pensei, o que exatamente nos transforma em mulheres? Brincos, batom, vestidos? Por que em Joicy o feminino era questionado ao não se associar aos elementos decorativos mais comuns relacionados às mulheres? Percebi que, além de todos os obstáculos pelos quais precisaria passar — a falta de dinheiro, a falta de respeito, a falta de amor —, ela ainda teria que provar ao mundo que, apesar da cabeça quase careca (problema que acomete também mulheres biológicas) e das maneiras díspares do feminino socialmente construído, ela também era, sim, uma mulher (MORAES, 2015, p. 84).

As duas criaram uma relação de **confiança**. A personagem compartilhava questões pessoais e íntimas com a jornalista. Em um dos episódios, Moraes conta que pediu para conhecer a sua família, pois o objetivo era contar a vida da transexual antes, durante e após a cirurgia. Ao visitar a casa de cada uma das irmãs, a jornalista relata que “Os níveis de intimidade e de agressividade eram altos demais, tanto que saí da casa e fui circular lá fora para diminuir o desconforto instaurado” (MORAES, 2015, p. 92).

Ainda sobre a construção da intimidade, a jornalista diz que Joicy começou a telefonar com mais frequência. “Eram conversas marcadas por amenidades que iam se entrelaçando a queixas pertinentes a sua existência” (MORAES, 2015, p. 98). A relação que as duas constroem vai além da reportagem, ganha contornos que envolvem afetos.

A jornalista também demonstrou **cuidado** com Joicy, sabendo respeitar o contexto social e cultural que ela vivia. Em uma das visitas à casa da cabeleireira, descreve o espaço e diz que:

A sala separava-se da cozinha/banheiro por uma porta, que também mantinha quase afastado o odor do quintal, onde um esgoto corria a céu aberto (várias vezes, precisei sair da casa para respirar o ar lá de fora durante as entrevistas e as observações; nessas horas, tinha cuidado para não constranger Joicy, justificando minha saída por causa do calor) (MORAES, 2015, p. 87).

Outro cuidado foi observado na conversa que teve com Dona Irene, a mãe da transexual. Moraes redobrou a atenção, pois ela se recuperava de uma cirurgia, era idosa e não havia obrigação de captar todo aquele novo movimento que acontecia. Na conversa, perguntou se ela tinha algo contra a decisão de João, antigo nome de Joicy. “Sim, João.

Não chamei Joicy pelo nome feminino, pois temi provocar alguma contrariedade naquela senhora de saúde então fragilizada” (MORAES, 2015, p. 92).

Mais do que o cuidado no tratamento com os entrevistados, Moraes mostra solidariedade, o que ultrapassa os limites da técnica do jornalismo. Antes de retornar para Recife, passou em um supermercado, comprou comida e produtos de higiene pessoal para deixar na casa da cabeleireira (MORAES, 2015). Ou seja, é pensar no jornalismo como uma profissão que lida com o humano, com o Outro.

A jornalista revela, ainda, **empatia**. A primeira circunstância que chama atenção é quando ouve falar em Dorneles, o amor de Joicy, aquele de quem ela esperava afeto. Ele quis ser nomeado como amigo, diferentemente do que a personagem gostaria. Por isso, “Foi difícil não julgar moralmente aquela relação, ou não se compadecer do coração frustrado de Joicy” (MORAES, 2015, p. 88).

Várias vezes, quando Joicy relatou ter dado uma quantia de dinheiro ao rapaz, ou, mais comumente, de ele ter passado o fim de semana em sua casa e depois ter desaparecido, Moraes (2015, p. 88) fala que “(...) sentia uma solidariedade que certamente está fora do círculo técnico do jornalismo”. Ela se sentiu na obrigação de alertar Joicy sobre a índole e os interesses de Dorneles.

(...) já me sentia comprometida com Joicy, acompanhava, apesar de há pouco tempo, sua vulnerabilidade. Minha atitude não estava dentro do citado círculo técnico do jornalismo, mas era totalmente compatível com meu sentimento de responsabilidade (MORAES, 2015, p. 90).

Moraes expôs sua antipatia pela psicóloga que atendeu Joicy. Ela diz que o aparente desconforto em conversar sobre a cabeleireira provocou constrangimento. “Esse sentimento foi se transformando em algo que até hoje carrego, uma antipatia bem cimentada” (MORAES, 2015, p. 102). A empatia permitiu à jornalista se conectar com a história e as pessoas envolvidas, compreendendo não apenas os fatos, mas as emoções, as experiências e os contextos que moldam a narrativa.

Como última categoria, denominamos a **instabilidade**, em que mostramos que esse relacionamento também foi permeado por tensões e pelas complexas nuances que moldam o vínculo. Joicy era extremamente reativa, algo que a dureza de seu cotidiano poderia explicar. Como afirma Moraes (2015, p. 95) “(...) era como se ela sempre precisasse usar toda a força que tinha para empurrar um carrinho de supermercado vazio.

Assim, no seu cotidiano, as discussões eram frequentes, assim como os desentendimentos”. Por conta disso, muitos se afastaram justamente por não conseguirem estabelecer uma comunicação menos tensa com a transexual, “(...) eu, por exemplo, em determinado momento, fui para longe” (MORAES, 2015, p. 95).

Outra situação que marca a instabilidade foi quando Joicy acusa Moraes (2015, p. 79) dizendo que “Há inclusive quem diga que você vem ficando com todo o dinheiro que deveria me dar”. Moraes revela que estava quase acostumada a ouvir absurdos de diferentes graus nas conversas que mantinham, mas a frase foi o sinal do fim. “Primeiro, me calou. Depois, estapeou. Veio uma indignação triste, comedida, aquela que nos mostra claramente que, dali em diante, nenhuma ação será proveitosa ou ajudará na manutenção das coisas, pelo contrário: é preciso parar” (MORAES, 2015, p. 79).

Quando desligou o telefone, Moraes informou a Joicy que não iria mais procurá-la. Parecia que havia encontrado o equilíbrio naquela relação, o que significava diminuir o tempo do convívio. Assim, a jornalista traz o questionamento que faz refletir sobre o relacionamento com a fonte, ou melhor, com o Outro: “será que aquilo tudo que eu vi e considerei tão importante, único, que estava invisível, era, de fato, especial?” (MORAES, 2015, p. 117).

Defendemos que os afetos ajudam a contar uma história no jornalismo. E mais do que isso, fazem com que a profissão se torne mais humana. As categorias aqui elencadas não são estruturas rígidas, modelos fixos, mas servem de inspiração para uma apuração que contemple o complexo e o diverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No jornalismo de subjetividade, o jornalista tem a autonomia para utilizar elementos subjetivos de forma explícita. Dessa forma, tem a possibilidade de assumir, cada vez mais, a posição de participante da história, usando o seu testemunho como autenticador do acontecimento. De acordo com Piccinin e Etges (2014), o repórter sai do lugar de um narrador distante para “narrar, sentir e dizer como são feitas as notícias”, em um movimento de desvelamento do “eu” e do processo produtivo.

Na perspectiva de Moraes (2015, p. 160), “a inclusão daquilo que escapa ao nosso controle não significa o fim do respeito a uma prática/teoria na qual diversas regras da objetividade são vitais, mas acarreta seu necessário amadurecimento e o entendimento de

limites teóricos, profissionais e individuais”. Então, a utilização de diálogos diretos, de descrições minuciosas e emoções no texto jornalístico não implica o abandono das técnicas empregadas para o bom jornalismo, pelo contrário, ajudam o público na compreensão das camadas mais profundas dos acontecimentos.

Assim como foi mostrado na análise do trecho do livro *O nascimento de Joicy*, para o relacionamento com a fonte, é preciso ir além das técnicas, é essencial ter sensibilidade, ter abertura para a escuta e observação atenta. Se afetar pela história do Outro pode ser o caminho para um tratamento do jornalismo de forma mais humana e complexa.

A prática do jornalismo de subjetividade se apresenta como uma possibilidade para a criação de representações mais próximas do real, em que o jornalista e o público têm a oportunidade de conhecer o Outro de forma imersiva. É por este caminho que busca promover o encontro com alteridades e combater outrofobias.

Dessa forma, podemos pensar em possíveis impactos da prática jornalística: para os grupos sociais historicamente silenciados pode ser um espaço para ampliar a representatividade nos meios de comunicação. Para o jornalista é uma oportunidade de humanização da profissão e reconhecimento das próprias subjetividades, que podem oferecer a autonomia necessária para produções mais reflexivas e diversas. Para o público é a chance de conhecer outras realidades de forma profunda e promover o diálogo e olhar sobre as diferenças de forma mais sensível e empática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARSOTTI, Adriana. **Os limites da objetividade jornalística no século XXI**. In: Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Virtual, 2021.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtó: Uma Viagem à Amazônia Centro do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

CONTER, Marcelo Bergamin; SILVEIRA, Márcio Telles da; SILVA, Alexandre Rocha da. **Semiótica das afecções: uma abordagem epistemológica. Conjectura: filosofia e educação**.

Caxias do Sul, RS. Vol. 22, nesp (2017), p. 36-48, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/185919> . Acesso em 14 agosto 2023.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News**, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Vintage, 1980.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LOPES, Dirceu Fernandes.; PROENÇA, José. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Publisher Brasil, 2003.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

_____. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. 1. ed - Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História, v.10. São Paulo, PUC, 1993.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

PICCININ, Fabiana; ETGES, Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: Análise da atorização em « Profissão Repórter ». In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas Comunicacionais Complexificadas 2**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014. 433 p. p. 321 – 346.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 31, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado - Cultura do passado e guinada subjetiva**. Editora UFMG, 2005.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo** [livro eletrônico] / Aldo Schmitz. - Florianópolis: Combook, 2011.